



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

WINNIE DE LIMA RODRIGUES

POSSIBILIDADES LÚDICAS NOS ANOS INICIAIS EM RELATOS
DE EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

FLORIANÓPOLIS

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

WINNIE DE LIMA RODRIGUES

**POSSIBILIDADES LÚDICAS NOS ANOS INICIAIS EM RELATOS
DE EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Orientado pela Profa. Dra. Maria Aparecida Lapa de Aguiar.

FLORIANÓPOLIS

2014

Winnie de Lima Rodrigues

Possibilidades lúdicas nos anos iniciais em relatos de exercício da docência

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 21 de novembro 2014.

Prof.^a Dra. Clarícia Otto
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Lapa de Aguiar
EED/CED/UFSC

Membro: Prof.^a Dra. Adriana da Silva
MEN/CED/UFSC

Membro: Prof.^a Dra. Gilka Girardello
MEN/CED/UFSC

Membro: Prof.^a Dra. Luciane Schindwein
MEN/CED/UFSC

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

(Charles Chaplin)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pois foi ele quem sempre me deu força e vontade de conseguir concluir essa pesquisa, concebendo força e sabedoria em minha caminhada.

Aos meus familiares e em especial aos meus amados pais Angelino (*in memoriam*) e a minha mãe Eliana, só tenho que agradecer pela força e pelo amor que sempre recebi de vocês durante minha vida toda, tenho muito orgulho de ser sua filha.

Ao meu marido Tiago que sempre me consolou nas horas que me sentia perdida e pela compreensão de sempre estar ao meu lado nos momentos de desespero, por todo carinho e dedicação, pela preocupação e zelo.

Às minhas amigas Ana Paula e Daiane, pois sempre apoiamos umas as outras, já passamos muitas coisas juntas! Em especial à minha amiga e dupla de estágio Luana que sempre me ajudou nos momentos que mais precisei. Jamais irei esquecer da amizade de vocês, meninas, irei levar para sempre!

Às crianças do quarto ano do Colégio Jurema Cavallazzi, pois foram elas que me inspiraram em fazer minha pesquisa sobre meu exercício de docência. Obrigada a cada uma de vocês.

Aos professores do curso que fizeram parte dessa minha formação acadêmica, em especial às professoras que estão fazendo parte de minha banca: Adriana, Gilka e Luciane, agradeço por ter tido a oportunidade de ter aula com vocês e, principalmente, por terem aceitado meu pedido, neste momento muito especial.

E com certeza à minha orientadora Maria Aparecida, que desde o começo me deu apoio e sempre me ajudou nos momentos que achava que estava perdida. As nossas conversas por e-mail e pessoalmente foram muito prazerosas. Foi um prazer imenso ter tido aula com você e ter você como minha orientadora. Muito obrigada professora pelos seus ensinamentos e pela confiança que depositaste em mim.

E, por último, não poderia deixar de agradecer aos meus animais de estimação Bê, Pluto em especial a minha linda cachorra Pandora, que sempre ficava comigo nas noites que perdia meu sono e nas manhãs em que eu me acordava inspirada para escrever, era ela que estava ao meu lado.

Muito obrigada a todos (as)!

Winnie de Lima Rodrigues

RODRIGUES, Winnie de Lima. Possibilidades lúdicas nos anos iniciais em relatos de exercício da docência . Florianópolis, SC, 37f. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, SC, 2014.

RESUMO

Esta pesquisa mostra a importância de se trabalhar com a ludicidade nos anos iniciais, enfatizando assim o quanto as crianças que estudam nas escolas tem o direito de aprender brincando, não ficando essa questão do “brincar” apenas na educação infantil, pois brincar é fundamental no processo do desenvolvimento. Assim, o objetivo geral deste trabalho é: compreender como a ludicidade pode ser trabalhada na metodologia utilizada nos anos iniciais. E como objetivos específicos: aprofundar os conhecimentos sobre o significado de ludicidade e verificar como a ludicidade se manifesta nas práticas docentes de estudantes da pedagogia, a partir de uma amostragem de relatórios do exercício da docência. Dessa forma, para desenvolver esse estudo, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, tendo como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e estudo de caso, descrevendo e analisando algumas atividades que foram feitas pelas estudantes do curso de Pedagogia durante o exercício da docência em escola da rede pública no município de Florianópolis. Durante o trabalho, levantamos muitas perguntas sobre como trabalhar com a ludicidade nos anos iniciais e mostramos que é possível sim trabalhar com o lúdico com essas crianças, por meio de exemplos extraídos do exercício da docência das estudantes do curso de pedagogia. Essa pesquisa mostrou o quanto é importante trabalhar de maneira lúdica nos anos iniciais contribuindo para aprendizagens mais envolventes e significativas nesse processo.

Palavras-chave: Ludicidade, Criança, Escola, Exercício da Docência.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 Percurso Metodológico | 9 |
| 2 CONCEITUANDO A LUDICIDADE | 12 |
| 2.1 O jogo e o brincar no processo da aprendizagem na criança | 17 |
| 3. TRABALHANDO COM A LUDICIDADE: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DA PEDAGOGIA NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS | 21 |
| 3.1 As escolas e as propostas de atividades | 21 |
| 3.1.1 Escola de Educação Básica Padre Anchieta - Propostas de Atividades | 21 |
| 3.1.2 Escola Desdobrada e Núcleo de Educação Infantil Costa da Lagoa – Propostas de Atividades | 24 |
| 3.1.3 Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi – Propostas de Atividades | 27 |
| 3.2 Análise das atividades presentes nos relatórios | 30 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 34 |
| REFERÊNCIAS | 35 |

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema de minha pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso foi um pouco difícil, pois em cada fase pensava em vários temas. Em cada disciplina vinha alguma ideia em minha cabeça, mas logo desistia, entretanto, todas eram direcionadas ao brincar. Na sexta fase fiz meu pré-projeto e foi então que tive que escolher de fato o tema a ser trabalhado, que naquele momento foi: “A importância de trabalhar a brincadeira na educação infantil”. Como já vínhamos estudando desde a primeira fase essa importância de se trabalhar o brincar com a criança, resolvi fazer meu pré-projeto com essa temática. Em seguida, fiz meu estágio na educação infantil e vi de fato na prática o quanto é importante a brincadeira no processo de desenvolvimento da criança.

Posteriormente, a decisão pelo tema ainda sofreu alterações. No primeiro semestre de 2014 fiz as observações e exercício da docência nos anos iniciais e tive o imenso prazer de trabalhar com o quarto ano. Eu e minha colega (dupla de estágio) tivemos uma relação de grande afinidade com o grupo desde nosso primeiro encontro e durante o período em que estivemos na escola trabalhamos muito a questão do lúdico dentro da sala de aula.

Foi então que surgiu meu interesse de falar sobre a importância da ludicidade nos anos iniciais. Infelizmente muitos profissionais da área da educação deixam de atuar de maneira lúdica quando se deparam com o ensino fundamental, pensam que quando as crianças entram na escola perdem seu direito de brincar. Durante as observações na sala de aula nos deparamos muito com essa constatação, não somente em nossa turma, como em outras também. Portanto, vimos que essa questão é de fato algo que não tem cabimento, pois presenciamos momentos em que as crianças estavam brincando e ao mesmo tempo aprendendo, de outra forma, muito mais dinâmica.

Durante o curso lemos muitos autores em obras de referência e em documentos oficiais que defendem propostas pedagógicas a serem trabalhadas dentro da sala de aula que envolvem o brincar e os jogos. Pela minha pequena experiência durante os estágios, pude ver que as crianças gostam muito, pois elas podem brincar e ao mesmo tempo aprender.

Se a maioria dos professores utilizasse uma metodologia mais lúdica, que não ficasse restrita somente ao espaço da educação infantil e que pudessem trazer essa bagagem consigo para as crianças do ensino fundamental, com certeza, poderia haver práticas pedagógicas com outros resultados e sentidos.

Portanto, para brincar não é preciso estar na educação infantil, porque criança não é somente aquele ser que fica na creche, o aluno também é criança, mesmo que esteja sentado em uma carteira dentro de uma sala de aula, ele necessita também do brincar, como afirma Girardello:

As crianças precisam brincar hoje e todos os dias de sua infância. Todas as crianças, no mundo inteiro, têm o direito de aprender essas coisas e de ser plenamente assim. Se não brincarem — muito — quando crianças, não conseguirão aprender (nem ser) direito depois. E todos os adultos do mundo precisam aprender melhor o que as crianças, mesmo sem perceber, têm pra nos ensinar (GIRARDELLO, 2006, p.65).

Afirmamos, portanto, que as crianças precisam brincar no seu processo de desenvolvimento, pois é através das brincadeiras que elas demonstram seus sentimentos, seu modo de ser e estar no mundo, podendo assim nos ensinar também. Desse modo, para aprofundar essa temática recorreremos a documentos oficiais, artigos, livros, autores já estudados ao longo do curso e outros que ainda não conhecíamos.

Assim, para essa investigação, colocamos como questão norteadora: Como e por que trabalhar a ludicidade na metodologia utilizada nos anos iniciais?

Portanto, para o desenvolvimento da pesquisa, apresenta-se como:

Objetivo geral:

- Compreender como a ludicidade pode ser trabalhada na metodologia utilizada nos anos iniciais.

E como objetivos específicos:

- Aprofundar os conhecimentos sobre o significado de ludicidade.
- Verificar como a ludicidade se manifesta nas práticas docentes de estudantes da pedagogia a partir de uma amostragem de relatórios do exercício da docência.

1.1 Percurso Metodológico

Para poder explicar metodologicamente essa pesquisa recorreremos ao livro “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social” (GIL, 2008). Assim, caracterizamos essa pesquisa como uma abordagem qualitativa que utiliza procedimentos de revisão teórica, por isso pode ser considerada bibliográfica e também documental. Para Gil (2008, p. 50), a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado”. Todo trabalho científico tem

como base a pesquisa bibliográfica, pois se apóia em materiais já publicados como: livros, artigos entre outros. Ainda segundo o autor, “a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes” (GIL, 2008, p. 51).

Usamos também como procedimento metodológico o estudo de caso, já que analisamos relatórios elaborados por nós mesmas e por colegas durante o exercício da docência nos anos iniciais. O estudo de caso, para Gil (2008, p.57) “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”, assim como foi feito na análise dos relatórios do campo de docência.

A seguir, relataremos como ocorreu todo o percurso de escolhas metodológicas: iniciamos com uma conversa na oitava fase com a professora Maria Aparecida L. de Aguiar (que ainda não era minha orientadora) e que estava lecionando a disciplina Organização dos Processos Coletivos do Trabalho Escolar. Ainda estávamos definindo o tema e tivemos a oportunidade de discutir o documento “Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos no Ensino Fundamental” (2007) que, aliado à experiência com as observações de sala de aula na escola e o exercício da docência, instigou a vontade de aprofundar os conhecimentos sobre a ludicidade nos anos iniciais.

Marcamos uma primeira orientação e conversamos sobre o meu interesse em metodologias que levassem em conta a ludicidade. A professora apresentou os cadernos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)¹ e sugeriu a leitura de alguns desses cadernos que traziam como tema a ludicidade. Ela orientou também para uma retomada de textos lidos durante o curso e que fossem feitas pesquisas de livros na biblioteca.

Delineamos um esboço de como organizar a pesquisa: a introdução, os objetivos, um capítulo que pudesse aprofundar o tema da ludicidade. Para isso, pesquisamos autores que vêm estudando sobre lúdico, jogos e o brincar e começamos a escrever e dialogar com esses autores. Decidimos organizar outro capítulo a partir de um recorte de três relatórios que pudessem servir como uma amostragem do que foi desenvolvido pelas estudantes de Pedagogia no exercício da docência. Escolhemos três atividades de cada escola e procedemos

¹ Em 2012 o MEC lançou um programa de formação para professores que atuam no ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental), denominado Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Na UFSC, o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Ensino de Língua Portuguesa (NEPALP) ficou encarregado dessa formação para o Estado de Santa Catarina. Cf. <<http://pnaic.sites.ufsc.br/pnaic-santa-catarina/>> e <<http://pacto.mec.gov.br/index.php>>

à análise para verificar como a ludicidade se manifestou em atividades desenvolvidas durante o processo do exercício da docência.

Assim, para desenvolver essa pesquisa o trabalho se organizou da seguinte maneira: o primeiro capítulo é composto pela introdução, apresentando o porquê da escolha do tema e já enfatizando a importância do brincar para as crianças dos anos iniciais. Apresenta-se também a pergunta norteadora, os objetivos da pesquisa e o percurso metodológico. O segundo capítulo é dedicado à conceituação de ludicidade, com perguntas norteadoras sobre a temática. E para o terceiro capítulo optou-se por fazer uma descrição e uma análise das atividades propostas pelas estudantes da oitava fase, a partir de um recorte específico (um relatório por escola), buscando verificar como a ludicidade se manifestou nas práticas docentes de estudantes da pedagogia a partir de uma amostragem de relatórios do exercício da docência.

E por fim, tecemos algumas considerações finais enfatizando as possibilidades do trabalho com a ludicidade nos anos iniciais e sua contribuição para a formação de professores.

2. CONCEITUANDO A LUDICIDADE

Ao pensar em como se trabalhar a ludicidade nos anos iniciais vieram muitos questionamentos, que no decorrer desse capítulo tentaremos responder ou poderão ficar algumas perguntas para pensarmos na nossa trajetória como futuras professoras. Muitas vezes nos perguntávamos se dava mesmo de trabalhar essa questão do lúdico nos anos iniciais, pois como bem sabemos as crianças quando chegam aos anos iniciais são vistas como adolescentes ou crianças maiores, porém são crianças ainda. Ao longo do curso, trabalhamos e estudamos muitos filósofos, historiadores, psicólogos e sociólogos que pesquisam sobre a importância da infância e do brincar para o desenvolvimento das crianças e que contribuíram para nossas reflexões sobre esse tema.

Alguns dos autores que referenciamos sobre a concepção do lúdico nos anos iniciais, foram nossos professores no decorrer dessa formação inicial, como: Girardello (2001), Fantin (2006), Pinto (2003), Laffin (2008) e estudamos outros autores ao longo do curso: Arroyo (1994), Kramer (2007), etc. Esses pesquisadores nos fizeram compreender a importância de se trabalhar a ludicidade dentro da sala de aula.

Utilizamos também duas referências de documentos oficiais: uma delas foram alguns cadernos do programa de formação de professores: *Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa – PNAIC (BRASIL, 2012 e 2012a)*. Buscamos nesses cadernos o conceito de ludicidade, lemos quatro cadernos e todos contribuíram com sugestões e informações que desconhecíamos. Foi muito enriquecedor porque mostrou que o lúdico não se refere apenas a brincadeiras, é muito além disso, temos que ter uma visão mais ampla das possibilidades lúdicas que podem aflorar no trabalho com crianças.

A outra referência de documento oficial que pesquisamos foi: *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade (2007)*. Deste documento lemos os textos: *A Infância e sua Singularidade* de Kramer (2007) e *O Brincar como um modo de ser e estar no mundo* de Borba (2007). Esses textos tratavam da temática do lúdico e também contribuíram para ampliar o nosso conhecimento.

Ao longo do curso vimos o quanto é importante para a criança a ludicidade. Ela é constitutiva das relações humanas, nossos pais brincam conosco quando somos bebês, nós brincamos uns com os outros quando somos crianças, continuamos brincando quando somos adolescentes e brincamos quando somos adultos em várias situações com os filhos, netos, afilhados, dentre outras possibilidades. É na infância que a criança irá aprender o prazer do brincar. Segundo Rolim et al. (2008, p. 180), “A infância é uma fase que marca a vida do

indivíduo e o brincar nunca deve ser deixado de lado, mas, pelo contrário, deve ser estimulado, já que é responsável pelo auxílio nas evoluções psíquicas”.

Um dos conceitos desenvolvidos na área de educação que nos ajuda a pensar sobre o desenvolvimento humano é o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, elaborado por Vygotsky (1991) que abrange dois níveis em que a criança se desenvolve: o nível de desenvolvimento real e potencial, segundo Vygotsky:

O nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinando através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1991, p.97).

Portanto, a Zona de Desenvolvimento Proximal compreende esses dois níveis que ocorrem durante o processo da aprendizagem da criança. O nível de desenvolvimento real é quando a criança exerce sozinha, ou seja, já aprendeu e não necessita da ajuda de um adulto ou de outro indivíduo, já o nível de desenvolvimento potencial é o que a criança pode aprender com ajuda de um outro indivíduo sendo ele adulto ou criança, porém que já tenha o conhecimento. A relação entre esses níveis real e potencial, é considerada a Zona do Desenvolvimento Proximal, sendo esta onde ocorre a aprendizagem, “ou seja, aquilo que uma criança pode fazer sozinha com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (1991,p.98).

A criança começa a interagir com outras pessoas, desenvolve a criatividade usando sua imaginação e também aprende por meio de jogos e brincadeiras. Na brincadeira de faz de conta, por exemplo, a criança ao imitar o adulto, acaba se colocando no papel do outro e agindo para além de suas possibilidades e assim aprende modos de ser da sua cultura. Ou seja, o que em alguns momentos a criança não consegue fazer sozinha, passa a fazê-lo pela mediação do adulto e da cultura em que está inserida.

É dessa maneira que a criança aprende em todos os momentos da sua vida, ela aprende desde pequena e leva sua aprendizagem para a escola e assim por diante. Nós, como professoras, temos que sempre levar em consideração a bagagem que a criança já traz consigo.

Os objetivos da educação devem se pautar em educar, cuidar e ensinar, porém, todo esse processo pode se dá de maneira mais divertida e sempre se lembrar de escutar o ser que está inserido nesse processo. Sabemos que as atividades lúdicas infelizmente não estão sempre presentes nos anos iniciais, muitas vezes elas ficam restritas apenas à educação

infantil. Muitas vezes os pais das crianças cobram muito a questão de terem tarefa a fazer e questionam seus filhos sobre o que eles aprenderam durante seu dia na escola.

No semestre passado, em que fizemos nossas observações e exercício da docência nos anos iniciais, ouvimos um dos alunos da sala dizendo: “Minha mãe disse que não era pra eu faltar porque vocês estagiárias só estão brincando com a gente, quando começar a aula de novo a professora irá nos ensinar português, matemática, ciências entre outros”.

Essa fala em si nos fez pensar no quanto os pais cobram de seus filhos a questão do conteúdo, não tendo consciência de que há várias maneiras de se aprender e que brincando também se aprende. Muitas vezes vem do próprio profissional da área da educação essa separação de que a criança fica na educação infantil e quem entra na escola já é adolescente ou criança “grande”, tornando-se assim sujeito que não tem mais o direito de brincar. Kramer discorda:

Educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso. O cuidado, a atenção, o acolhimento estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. E, com as práticas realizadas, as crianças aprendem. Elas gostam de aprender. Na educação infantil e no ensino fundamental, o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos (KRAMER, 2007, p.20).

Concordamos com o que Kramer menciona, pois vivenciamos possibilidades lúdicas no exercício da docência e jamais iremos esquecer e acreditamos que as crianças também não esquecerão. Com certeza deu certo e, em nosso ponto de vista, depende muito do modo como o professor irá conduzir suas aulas. Temos que saber que a criança que está nos anos iniciais também é criança e aprende brincando, é desde a infância que ela aprende e desenvolve suas relações tanto afetivas como cognitivas.

Primeiramente, devemos valorizar a criança como um ser social e cultural. Esses sujeitos estão inseridos também nos anos iniciais do Ensino Fundamental como crianças que são e que devem ter seus direitos garantidos, com acesso a uma educação de qualidade que valorize a infância.

Dessa forma, é importante pensar que a infância, dialogando com Kramer (2001), tal qual a definimos e compreendemos hoje, como tempo marcado para a brincadeira, nem sempre existiu, mas se trata de uma definição que foi e é construída social e historicamente. Assim, de acordo com a autora, “numa sociedade desigual, as crianças desempenham, nos diversos contextos, papéis diferentes” (2001, p. 15). Isso quer dizer que, apesar de definirmos

e defendermos a infância, como período de vida para vivência plena, a partir da brincadeira, do contato com todas as formas de conhecimento e produção cultural, sabemos que há crianças que são privadas de viver sua infância em toda a plenitude.

Portanto, temos que propiciar momentos dentro das salas de aula, trabalhando os conteúdos de uma forma diferente, buscando encaminhamentos metodológicos que realmente envolvam as crianças no processo de querer aprender. Para que o professor possa estabelecer essas propostas, ele terá que conhecer bem a sua turma, ter uma relação na qual respeita que cada aluno já carrega consigo sua bagagem de saberes, com isso o professor terá como trabalhar os conhecimentos de modo que o aluno tenha interesse em participar de suas aulas, partindo não somente dos conteúdos já trazidos pelo professor. De acordo com Laffin:

Os conhecimentos das crianças/jovens e adultos, por mais distantes que possam parecer do saber escolar, podem servir como pontos de partida para que o (a) professor (a) possa verificar o que realmente os alunos já dominam e planejar as ações de ensino-aprendizagem no sentido de promover o avanço e apropriação de novos conhecimentos (LAFFIN, 2008, p.12).

Assim, o professor e o aluno poderão vir a ter uma relação muito boa em seu convívio escolar, tornando cada momento muito mais prazeroso e gratificante. Porém, ficamos nos questionando por que os profissionais da área da educação ao se depararem com turmas dos anos iniciais não trabalham com a ludicidade dentro da sala de aula? Em nosso ponto de vista, muitos destes pensam que a brincadeira tem que ficar somente na educação infantil e quando as crianças vão para a escola é como se fossem seres adultos, pois ainda se tem a ideia de que a escola na sua construção histórica é para formar o aluno para o mercado de trabalho. Dentre alguns dos fatores que podem ter contribuído para o não reconhecimento da importância da brincadeira para o desenvolvimento humano, podem estar as condições de trabalho desse professor e também a formação pela qual passou que não deve ter priorizado o brincar como constitutivo da infância. Concordamos com o que afirma Arroyo:

Queremos ter uma escola viva, em que se viva a cidadania e não uma escola onde se sonhe um dia ser cidadão. A infância já cidadã, é ser vivo, é ser cultural já, é ser social já. E enquanto ser social que já é, na medida em que ela viver com mais intensidade e que ela é, estará se preparando para um dia viver com intensidade futuras idades, futuras fases de sua vivência, de sua formação (ARROYO, 1994, p.91).

Outras questões que levantamos foram: há espaço para brincar dentro da sala de aula? Crianças que chegam ao ensino fundamental têm o direito de brincar? Por que não utilizar metodologias lúdicas nos anos iniciais? A escola disponibiliza lugares para as crianças

brincarem? Essas são algumas perguntas que foram feitas ao longo desse trabalho e também durante a própria formação acadêmica.

Não sei se conseguiremos responder a todas essas questões, mas de acordo com as leituras e com a experiência durante o exercício da docência, respondemos pelo menos a questão: há espaço para as crianças brincarem dentro da sala? Isso só depende dos profissionais que estarão com elas durante um grande período. Se for aquele professor que gosta de deixar espaços organizados na sala, poderá deixar também um próprio para a brincadeira. Caso contrário, esse espaço se torna igual a muitas outras salas de aulas que vivenciamos hoje em dia.

A criança tem sempre o direito de brincar, na creche, em casa, não apenas na hora do recreio ou na hora da aula de educação física e sim dentro da sala de aula, desde que a professora utilize metodologias que contemple a brincadeira, segundo Borba:

Isso exige a garantia de tempos e espaços para que as próprias crianças e os adolescentes criem e desenvolvem suas brincadeiras não apenas em locais e horários destinados pela escola a essas atividades (como os pátios e parques para recreação), mas também nos espaços das salas de aulas, por meio da invenção de diferentes formas de brincar com os conhecimentos (BORBA, 2007, p.43-44).

Nós, como futuras professoras, temos o dever de ensinar aquelas crianças que ali estão inseridas. Entretanto, não é um ensinar só por ensinar e sim fazendo com que a criança tenha prazer de aprender. Por essa razão, temos que proporcionar momentos como algo mágico que elas jamais irão esquecer, tornando essas aulas lúdicas e super atrativas. Como afirma, Borba:

Existem inúmeras possibilidades de incorporar a ludicidade na aprendizagem, mas para que uma atividade pedagógica seja lúdica é importante que permita a fruição, a decisão, a escolha as descobertas as perguntas e as soluções por partes das crianças e dos adolescentes do contrário, será compreendida apenas como mais um exercício (BORBA, 2007, p.43).

Nos Cadernos do PNAIC sobre a ludicidade, lemos propostas de professoras alfabetizadoras que desenvolveram atividades de maneira lúdicas com suas crianças. Percebemos que aquelas crianças se interessaram e que as atividades foram bem sucedidas.

Portanto, ao nos depararmos com as crianças do ensino fundamental podemos também ensinar por meio do lúdico, tendo como eixo fundamental nesse processo o brincar e o jogar. Segundo um dos Cadernos do PNAIC:

As brincadeiras e os jogos são situações bastante favoráveis de aprendizagens, pois, além de promoverem a interação entre as crianças,

contribuem para o desenvolvimento e o bem estar das crianças no ambiente escolar (BRASIL, 2012 p.08).

Muitas dessas atividades propostas nos Cadernos do PNAIC (2012), em que nos aprofundamos, têm semelhanças com o que foi trabalhado no exercício da docência nas análises feitas dos relatórios, como por exemplo, a contação de história. As estratégias lúdicas fazem com que a criança se interesse mais pelo assunto dado na sala de aula de uma maneira diferente e pode estar ligado a várias áreas do conhecimento. De acordo com um dos Cadernos do PNAIC:

Muitas atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, incluem atividades relacionadas a diversas áreas de conhecimento, que podem ser aproveitadas como ponto de partida para o ensino e consequentemente como suporte para a avaliação (BRASIL, 2012a, p.30).

Portanto, sabemos que é possível utilizar atividades lúdicas com crianças maiores do ensino fundamental, pois estas ainda são crianças e têm muita imaginação e criam novas possibilidades através de suas brincadeiras, pois é brincando que se aprende.

Girardello (2011) traz em seu artigo a importância da imaginação da criança e o papel que o adulto pode desempenhar nesse processo. A criança cria várias histórias, muitas vezes partindo de um real que ela já presenciou. É nesse momento que nós adultos podemos entrar no mundo da criança. Girardello afirma:

O papel dos adultos como mediadores entre a criança e o ambiente físico e o clima social criados pela família ou pelas instituições educativas fazem diferença na qualidade da vida imaginativa dos pequenos (GIRARDELLO, 2011, p.80).

2.1 O jogo e o brincar no processo da aprendizagem na criança

Ao falarmos de aprendizagem nos anos iniciais nos remetemos ao ensino de conteúdos propriamente ditos relacionados às várias áreas do conhecimento, tais como: matemática, português, ciências, geografia entre outros. Entretanto, ao falarmos em como ensinar tais conteúdos, precisaremos refletir sobre que metodologia utilizar. Necessitaremos buscar estratégias de ensino que tornem as aulas mais divertidas e diferenciadas, fazendo assim com que os alunos participem mais, por isso, defendemos uma metodologia que possa considerar a ludicidade.

Para refletir especificamente sobre conceitos relacionados à ludicidade, como é o caso de jogos e o brincar trazemos alguns autores da área da educação como: Brougère (2008),

Fantin (2006), Huizinga (1980), Vygotsky (1991) entre outros. Antes de recorrermos a esses autores, vamos pensar um pouco: será que os professores que atuam nos anos iniciais utilizam estratégias metodológicas que levem em conta a ludicidade, ao darem suas aulas? Pelo que pudemos perceber, durante o processo de observação e exercício da docência, infelizmente essas possibilidades metodológicas quase não são utilizadas nos momentos dentro das salas de aula, ocorrendo mais enfaticamente nas aulas de educação física e nos intervalos (estes que são de apenas vinte minutos).

Ao chegarem à escola, as próprias crianças percebem essa perda de atividades lúdicas, pois muitas vezes aparece na fala dos próprios pais e dos professores, que avisam: “lugar de escola não é de brincadeira e sim de estudar”, como se ao brincar a criança não aprendesse.

O jogo em si é um elemento enriquecedor de ideias e de prazeres, como mostra Brougère (2002) e Huizinga (1980). Ele desperta prazer fazendo com que a criança queira sempre mais aprender brincando, junto deste vem o brincar. Por meio da brincadeira, as crianças estabelecem relações umas com as outras, fazendo com que esses momentos se tornem prazerosos e de ludicidade.

Para Huizinga (1980) o jogo pode se relacionar com uma metodologia lúdica: “No jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação” (1980, p. 4). O jogo vai além das necessidades da criança, é através do jogo que a criança vai estabelecer diversas aprendizagens, entre elas respeitar as regras.

Para Brougère (2002) o jogo não está apenas na relação do prazer e satisfação para a criança:

O jogo é para ser pensado, então, não como algo isolado, mas como uma das atividades que a criança realiza no âmbito familiar, constituindo a educação familiar espontânea, trazendo socialização e também aprendizagem linguísticas, cognitivas, afetivas, etc. (BROUGERE, 2002, p.12).

Ao utilizar o jogo como estratégia de ensino o professor tem como foco problematizar com a criança o tal jogo a ser jogado, explorando assim seus conhecimentos e desafiando a sua inteligência, tornando seus saberes mais amplos.

Em relação à brincadeira, esse mesmo autor destaca a questão da cultura da própria criança, que é representada por ela quando brinca. O autor dá como exemplo a criança brincando de motorista de ônibus. Ela está reproduzindo alguém que já viu e com isso usando suas expressões gestuais, fazendo o som da buzina com a boca “*bi, bi*”, entre outros gestos. Para o autor:

Na sua brincadeira, a criança não se contenta em desenvolver comportamentos, mas manipula as imagens, as significações simbólicas que constituem uma parte da impregnação cultural à qual está submetida (BROUGÈRE, 2008, p.49).

Fantin (2006) também aborda a concepção da cultura da criança e salienta que devemos respeitá-la de todas as formas, pois é por meio do brincar que ela irá demonstrar aspectos cognitivos e afetivos. Ao brincar ela imita o ser adulto em sua forma de agir, assim como Brougère (2008) também mencionou. Portanto, devemos sempre levar a brincadeira para o processo de aprendizagem da criança dos anos iniciais, não é porque ela saiu da educação infantil que ela não tem mais o direito de brincar, o que seriam dessas crianças se não rissem e não se divertissem. Segundo Fantin (2006, p.18), “As crianças continuam brincando. Que triste seria imaginar que um dia as crianças possam parar de brincar”.

Para Vygotsky (1991) o desenvolvimento e aprendizagem são funções centrais no processo da criança, assim como falamos anteriormente da Zona de Desenvolvimento Proximal, o brincar se torna o meio principal, podemos ver o quanto no brincar a criança desenvolve suas vontades e seus desejos. Segundo Rolim *et al*:

A brincadeira é o lúdico em ação. Brincar é importante em todas as fases da vida, mas na infância ele é ainda mais essencial: não é apenas um entretenimento, mas, também, aprendizagem. A criança, ao brincar, expressa sua linguagem por meio de gestos e atitudes, as quais estão repletas de significados, visto que ela investe sua afetividade nessa atividade. Por isso a brincadeira deve ser encarada como algo sério e que é fundamental para o desenvolvimento infantil (ROLIM *et al*. 2008, p.177).

Os cadernos do PNAIC sobre a ludicidade trazem uma concepção que mostra bastante a importância da brincadeira como modo de aprendizagem, assim como os outros autores aos quais recorreremos. Segundo esses cadernos, essas brincadeiras que o educador propõe têm sempre que ter uma intencionalidade:

Do ponto de vista didático, as brincadeiras promovem situações em que as crianças aprendem conceitos, atitudes e desenvolvem habilidades divertidas, integrando aspectos cognitivos, sociais e físicos (BRASIL, 2012, p. 07).

Para brincar e jogar temos que saber que há sempre regras, estas que devem ser cumpridas tanto para nós adultos como para as crianças que irão participar. Huizinga (1980, p.14) destaca bem essa questão das regras: “Todo jogo tem suas regras. São estas que determinam aquilo que “vale” dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão”.

Portanto, sabemos que todas essas aprendizagens que os autores trazem, não podem ficar apenas na leitura, nós, como futuras professoras temos que pôr em prática, não somente quando nos deparamos com crianças da educação infantil e sim também nos anos iniciais. O professor tem sempre que ir buscar novas metodologias para trabalhar, na intenção de melhorar suas aulas e o envolvimento dos estudantes, por isso, enfatizamos que um dos caminhos seja utilizar estratégias lúdicas, fazendo também com que a criança não perca esse momento do brincar e estabeleça com o professor uma relação de afinidade. Vasconcellos destaca que:

Tudo depende do objetivo do professor ao introduzir esse ou aquele jogo. Pois, se é possível para o aluno perceber o jogo em sala de aula apenas como entretenimento, para o professor ele será sempre fruto de uma escolha consciente e planejada, que tem por objetivo o trabalho pedagógico (VASCONCELLOS, 2008, p. 53).

Portanto, a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como meio de diversão, trabalhar de forma lúdica é ter o prazer de trabalhar de maneira diferenciada, trazendo consigo a brincadeira e o jogo, que são atividades que irão proporcionar aprendizagem de forma criativa e divertida. Isso não significa a exclusão de conteúdos dados no dia a dia, pois todas as crianças têm o direito de aprender. Uma metodologia lúdica traz uma intencionalidade de fazer com que a criança aprenda de uma forma diferenciada, na qual a maior conquista é despertar o interesse da criança.

No capítulo seguinte relataremos atividades desenvolvidas por estudantes de Pedagogia durante o exercício da docência nos anos iniciais, a partir do recorte estabelecido (um relato por escola) e analisaremos aspectos relacionados a estratégias lúdicas utilizadas com as crianças de escolas públicas de Florianópolis. Entendemos que tais propostas lúdicas contribuirão para a formação das estudantes de Pedagogia e com certeza para a aprendizagem e a vida dessas crianças.

3. TRABALHANDO COM A LUDICIDADE: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DA PEDAGOGIA NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS

Após nos aproximarmos do conceito de ludicidade, analisamos por amostragem o trabalho desenvolvido pelas duplas de estudantes de cada escola no período de docência, entre abril e julho de 2014. Antes de começar a descrição e análise dos relatórios, deixamos uma pergunta como busca para nossa aprendizagem: “Como nós, futuras professoras, podemos utilizar estratégias lúdicas nos anos iniciais?” Essa questão será de certa forma respondida com a amostragem dos trabalhos desenvolvidos pelas estudantes no exercício da docência.

Algumas questões que nortearam a descrição e análise dos relatórios de nossas colegas foram: Como foi organizado o espaço da sala? Quais atividades que utilizaram estratégias lúdicas? O que é a escola para cada dupla de estágio? O que foi ser professora no grupo em que lecionou?

3.1 As escolas e as propostas de atividades

Foram muitas as atividades que as estagiárias desenvolveram ao longo do percurso com as crianças, assim, escolhemos três por escola que consideramos mais interessantes e lúdicas. Iniciaremos pelo segundo ano, em seguida o terceiro ano e por último o quarto ano do ensino fundamental.

3.1.1 Escola de Educação Básica Padre Anchieta - propostas de atividades

Primeiramente começaremos com a Escola de Educação Básica Padre Anchieta, da rede estadual de ensino, que teve como professora orientadora do exercício da docência Maria Isabel Batista Serrão. A escola fica localizada no bairro agrônoma, atendendo grande parte do Maciço do Morro da Cruz, as estudantes foram Elis Cristina de Souza e Jerusa de Cácia Dutra, estas atuaram com o grupo segundo ano, com aproximadamente vinte crianças e uma professora regente.



Fonte: foto tirada do celular da estudante Winnie

Além da leitura dos relatórios, estabelecemos diálogos com as estudantes e elas contaram que o espaço da sala, quando chegaram, era organizado como uma sala tradicional: cadeiras enfileiradas e às vezes uma ao lado da outra; a mesa da professora em frente; cantos para livros e leitura; alfabeto na parede e armários para guardar os trabalhos das crianças.

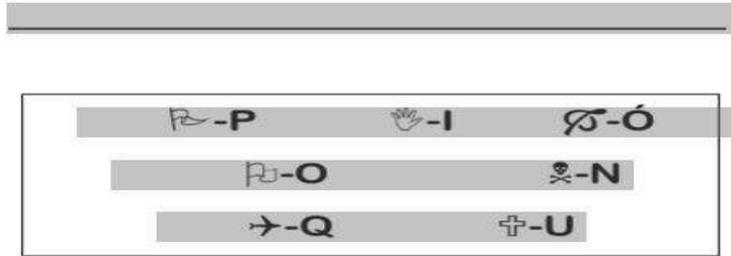
Ao atuarem como professoras, as estudantes construíram, com ajuda das próprias crianças, um calendário “Chamada” que era utilizado todo dia, além de um varal com as palavras aprendidas pelas crianças, no momento em que estavam com as estudantes e, em um espaço fora da sala, fizeram uma horta.

Propostas de Atividades²

1- No início, em nosso planejamento, havia somente a proposta de um enigma, que foi realizado no primeiro dia. Com a resposta positiva que as crianças nos demonstraram, decidimos acrescentar o enigma todos os dias. Nossa intenção foi apresentar os temas de cada aula, com esse recurso. Dessa forma, as crianças se mobilizavam a resolver o enigma para assim descobrirem qual o assunto daquela tarde.

² As atividades apresentadas de todas as escolas foram copiadas literalmente dos relatórios com pequenos ajustes de elaboração para que pudessem ser analisadas posteriormente.

VAMOS JUNTOS DESCOBRIR O QUE ESTA ESCRITO NO ENIGMA ABAIXO?



Fonte: Imagem retirada do relatório de Jerusa e Elis (SOUZA; DUTRA, 2014, p.28)

2- Outro recurso que utilizamos foram cartas enviadas para a turma, escritas pelo personagem Pinóquio, que foi nosso fio condutor durante todo o nosso exercício da prática docente. Esse personagem ensinava em suas cartas maneiras de construir brinquedos com materiais recicláveis e reutilizáveis, que foi um assunto que abordamos na nossa prática de ensino, além de apresentar outras propostas como músicas, histórias e vídeos. Cabe ressaltar, aqui, que a primeira carta que o Pinóquio enviou para a turma, chegou por debaixo da porta, criando uma situação imaginária com as crianças, aguçando a curiosidade e a ludicidade das crianças. Escolhemos usar esse recurso da carta, pois dessa forma já estaríamos apresentando para as crianças e exercitando com elas a função social da escrita. O Pinóquio se comunicou com as crianças por meio das cartas e dessa maneira as crianças entenderam que a escrita foi inventada, entre outras razões e necessidades humanas, para escrever algo para alguém, para se comunicar na ausência de um dos interlocutores.

FLORIANÓPOLIS, 20 DE MAIO DE 2014.

OLÁ TURMA DO 2º ANO DA ESCOLA PADRE ANCHIETA, BOA TARDE. MEU NOME É JOÃO, E EU SOU O MENINO DA HISTÓRIA: JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO, E VIM ATRAVÉS DESSA CARTA ENSINAR VOCÊS COMO PLANTAR FEIJÕES IGUAIZINHOS OS MEUS!

PARA ISSO, VOCÊ IRÁ PRECISAR DE: 1 COPO DESCARTÁVEL 1 CHUMAÇO DE ALGODÃO GRÃOS DE FEIJÃO ÁGUA

QUANDO ESTIVER COM TODO O MATERIAL EM MÃOS, VOCÊ AMIGUINHO (A) FARÁ O SEGUINTE:

FORRE O FUNDO DO COPO COM O CHUMAÇO DE ALGODÃO.

COLOQUE GRÃOS DE FEIJÃO SOBRE O ALGODÃO.

DEPOIS, UMEDEÇA O ALGODÃO, COLOQUE O COPO EM UM LUGAR ILUMINADO E NÃO DEIXE O ALGODÃO SECAR.

VÁ COLOCANDO ÁGUA SEMPRE E AOS POUQUINHOS.

MAIS OU MENOS EM 3 DIAS, A RAÍZ COMEÇARÁ A APARECER E UM POUCO MAIS TARDE SEU FEIJÃO VAI COMEÇAR A NASCER.

VIU COMO É FÁCIL? MAS LEMBREM-SE PARA QUE GERMINEM VOCÊS PRECISAM ALÉM DE COLOCAR ÁGUA CUIDAR DELES TODOS OS DIAS COM MUITO AMOR E CARINHO!_

*PS: ANTES DE FAZER ISSO, PROCURE NESSA CARTA AS PALAVRAS E PINTE-AS.
TARDE, FEIJÃO E JOÃO.
ASSINADO: JOÃO*

Fonte: Imagem retirada do relatório de Jerusa e Elis (SOUZA; DUTRA, 2014, p.35)

3- Outra proposta que realizamos, foi a criação da horta nos pneus, prevista em nosso planejamento. A partir de releituras das obras de Romero Brito desenhadas nas paredes do parque, tivemos a idéia de levar os pneus previamente pintados, depois de questionar às crianças e explicar a elas sobre os desenhos encontrados na parede do parque. Pedimos a elas, que realizassem através da pintura com tinta (acrílica sintética) detalhes das 17 obras deste grande artista e assim foi feito. Dividimos a turma em dois grandes grupos. Um grupo ficou na sala pintando desenhos de releitura das obras, enquanto isso, o outro grupo estava na rua pintando os pneus. Depois trocávamos as funções, quem estava na rua pintando os pneus voltava para a sala para a realização da pintura e quem estava na sala, ia para a rua realizar as pinturas nos pneus.



Fonte: Imagem retirada do relatório de Jerusa e Elis (SOUZA; DUTRA,2014, p.45)

De acordo com as estudantes cada escola tem sua própria cultura, porém em cada lugar do mundo há sujeitos diferentes que participam dessas distintas culturas que fazem parte de cada contexto. Desse modo, uma escola aqui de Florianópolis será diferente de uma escola de outra região. O papel do professor para essa dupla de estudantes é essencial, é conhecer cada criança de forma individual, assim irá poder saber de sua cultura e sua singularidade.

3.1.2 Escola Desdobrada e Núcleo de Educação Infantil Costa da Lagoa – Propostas de Atividades

Em seguida apresentamos a Escola Desdobrada e Núcleo de Educação Infantil Costa da Lagoa. O relatório lido traz a seguinte informação com base no Projeto Político Pedagógico da escola da Costa: foi fundada em 1969, fica localizada na Costa da Lagoa em Florianópolis. É uma comunidade de difícil acesso, pois só se chega a ela de barco ou através de trilha a pé. É povoada na sua maioria por descendentes de açorianos. Tendo como professora orientadora Gilka Girardello, as estudantes dessa unidade foram Ana Paula Machado e Daiane Cristina de Lima, atuaram com o grupo do terceiro ano, composto por sete crianças sendo cinco meninos e duas meninas, havendo uma professora em sala.



Fonte: Imagem retirado do relatório de Daiane e Ana Paula (LIMA; MACHADO, 2014, p.5)

Em diálogos com as estudantes, tivemos a informação de que o espaço era organizado da seguinte maneira: as cadeiras das crianças juntas uma ao lado da outra fazendo um círculo, com a mesa da professora em frente, a sala aparentemente muito ilustrada com trabalhos feitos pelas crianças, mural de aniversário. Assim como ocorreu com as estagiárias Elis e Jerusa, foi difícil escolher as atividades, pois também havia muitas com propostas lúdicas.

Propostas de Atividades

1- Nas aulas de matemática trabalhamos de forma bem lúdica, através de jogos e utilizando materiais concretos. Fizemos bingo da multiplicação, pescaria com operações simples.

2- Fizemos o “Tapete matemático”. Aprendemos a fazer esse material na aula de Metodologia de Matemática no curso de pedagogia. Não recordamos o nome desse material por isso colocamos o nome imaginário de “Tapete Matemático”. As crianças podiam resolver todas as operações utilizando esse material.



Fonte: Imagem retirada do relatório de Daiane e Ana Paula (LIMA; MACHADO, 2014, p.16)

3- Demos continuidade ao projeto ***Ler Muito Prazer!*** Em que todas as terças-feiras as crianças ouvem histórias, contam histórias, fazem registros dos livros lidos...

Iniciamos esse momento com a brincadeira do quadro, técnica utilizada no Yoga para relaxamento. Onde cada um escreve ou desenha nas costas de seu amigo algo de bom que deseja para o outro. Utilizamos o Yoga para mostrar que vai além de uma prática saudável, que pode alterar sua mente, corpo e espírito dando-lhe prazer em viver junto tendo união e respeito pelo o próximo.

Nesse dia contamos a história “O Menino do olho d água” do autor Jose Paulo Paes, o livro trata do tema água, tema que as crianças já vêm trabalhando em sala com a professora Carol. O livro possibilita dois leitores, com isso nós duas iremos contar a história juntas.

Após a leitura abrimos o espaço para alguma criança ler uma história e em seguida fazer o registro das histórias, seguindo o modelo já utilizado pelas professoras da escola.



Fonte: Imagem retirada do relatório de Daiane e Ana Paula (LIMA; MACHADO, 2014, p.12)

Em seu relatório as estudantes, também trazem a concepção de escola conforme o Referencial Curricular de Florianópolis. Essa instituição é:

Compreendida como instituição cultural da comunidade e como espaço de formação do ser humano; como espaço que concorre para a cidadania e inclusão de sujeitos aprendentes. Cabe-lhe, portanto, o papel de criar condições para que todos aprendam, apropriem-se da cultura e dos saberes historicamente produzidos. Neste sentido, precisa-se de uma escola que rompa com o senso comum e com os limites da sala de aula, e que se enriqueça pelo processo de interação de outros agentes educacionais da

sociedade, integrando novos conteúdos, proporcionando vivências e estabelecendo relações com a comunidade. (FLORIANÓPOLIS, 2008, P.18, *apud* MACHADO; LIMA, 2014, p.03)

De acordo com as estudantes, a citação que escolheram foi para contextualizar um pouco a escola em que iriam estagiar, mostrando que a infância é a construção histórica e social, a criança é um ser de pouca idade inserido na sociedade que vivemos carregada de cultura. Em relação ao professor mostram a importância do diálogo com a criança, respeitando sua cultura, seus conhecimentos, suas vontades, sendo assim, a criança passa a ter voz ativa para expressar o que está sentindo e dizendo o que quer fazer.

3.1.3 Escola Educação Básica Jurema Cavallazzi – Propostas de Atividades

Por último apresentamos a Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi, em que tivemos a oportunidade de estagiar, pertence à rede estadual de educação. Ela está situada no bairro José Mendes, em Florianópolis- SC. Atendendo principalmente alunos da comunidade do Morro da Queimada e do Mocotó, além das ruas ao redor da instituição. Quem nos orientou foi a professora Adriana da Silva, as estudantes foram Luana Kremer e Winnie de Lima Rodrigues (autora desse TCC), com o grupo quarto ano, aproximadamente onze crianças, destas, quatro meninas e seis meninos e com uma professora na sala.

Ao entrarmos na sala logo observamos o espaço muito bem organizado e lúdico, com cantos separados para leitura, para brinquedos e mesa para jogos. Acharmos muito interessante o fato de não ter uma mesa própria para a professora, geralmente em salas mais tradicionais a configuração do espaço é totalmente voltado para o professor e para o quadro negro. Com o quarto ano, percebemos que a professora vem em suas propostas trazendo um pouco da ideia de criança e infância que a pouco citamos. Na sala, a professora se sentava com os próprios alunos e as carteiras deles era em formato de ilhas “em pequenos grupos”, muito bem planejado (RODRIGUES, KREMER, 2014, p.11)

Neste pequeno período que ficamos com eles trabalhamos muito a questão da ludicidade, pois percebemos que havia poucas possibilidades lúdicas da parte da professora com aquele grupo, mesmo que o ambiente estivesse planejado de forma a contribuir para esse fim, entretanto, estava faltando pôr em prática o lúdico propriamente dito. Assim, fizemos muitas atividades lúdicas, sendo que todas tinham uma intencionalidade com cada disciplina que é dada no dia a dia, porém fazíamos de uma forma mais agradável e divertida.



Fonte: Imagem retirada do relatório de Luana e Winnie (KREMER; RODRIGUES, 2014, p.9)

Propostas de Atividades

1- Fizemos uma dinâmica do jogo dos sentidos, com algumas frutas, onde as crianças deveriam de olhos vendados descobrir o alimento que colocaríamos à sua disposição. Isso faria com que eles usassem os sentidos que já estavam sendo discutidos em sala. Nesta aula trabalhamos os 4 sentidos (paladar, olfato, audição e tato), porém de uma forma lúdica, as crianças adoraram inclusive pediam em outros momentos.



Fonte: Imagem retirada do relatório de Luana e Winnie (KREMER; RODRIGUES, 2014, p.35-36)

2- Também trabalhamos com um jogo de tabuleiro, onde se avança respondendo corretamente as perguntas. Ele também nos ajuda a identificar os hábitos alimentares das crianças. Nesta aula dividimos as crianças em pequenos grupos, elas se divertiram muito, com esta atividade tivemos o

intuito de que cada criança conhecesse como seu amigo se alimenta, percebendo assim os benefícios e os malefícios dos alimentos.



4 → Você come frutas e verduras, bem lavadas.
 - Sim: avance 3 casas
 - Não: volte ao ponto de partida

16 → Você bebe bastante água?
 - Sim: jogue novamente.
 - Não: recue 3 casas.

Fonte: Imagem retirada do relatório de Luana e Winnie (KREMER; RODRIGUES, 2014, p.30)

3- Foi feita a construção da carta para ser trocada com alunos de outra escola num meio rural, com isso possibilitando o conhecimento e interação entre culturas diferentes, referente ao que foi discutido na aula sobre zona rural e urbano. Assim eles poderiam pôr em prática o exercício da escrita, e voltando ao tempo em que se utilizava a carta como meio de correspondência, já que hoje em dia é quase tudo através da tecnologia digital.



Fonte: Imagem retirada do relatório de Luana e Winnie (KREMER; RODRIGUES, 2014, p.35)

Assim como foi difícil selecionar as atividades das outras colegas, também foi difícil escolher as nossas, pois havia várias atividades lúdicas, porém foram estas que mais gostamos e sentimos que as crianças também, ressaltando que todas as aulas fazíamos a pauta do dia pelas crianças e após o recreio fazíamos Yoga. No dia-a-dia quando nos esquecíamos de fazer, as próprias crianças cobravam e a professora regente da sala gostou das ideias e nos disse que iria aplicar com seus alunos do período da manhã.

A ideia da escola para nós (Winnie e Luana) ficou bastante clara: é um direito de todos, é um espaço de compartilhamentos de saberes, interações e culturas. Ela faz parte de um sistema e de uma sociedade que muitas vezes concebe a escola como um local para formação para o mundo do trabalho. Porém, devemos ter a consciência de que acima de formar trabalhadores é necessário formar bons cidadãos, pensantes que não tratem como natural o que lhes é imposto.

Já na questão do ser professora, aprendemos muito com cada criança, dessa forma, ser professora não é apenas ensinar e dar ordens dentro da sala é muito mais do que isso, é ser parceira das crianças, mostrando que não é apenas a professora que ensina, mas que elas também podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem.

3.2. Análise das atividades presentes nos relatórios

Após essa amostragem do exercício da docência feito pelas estagiárias da UFSC, teremos como responder a questão que colocamos no decorrer desse capítulo: “Como nós, futuras professoras, podemos utilizar estratégias lúdicas nos anos iniciais?” A resposta para essa questão é simples: utilizaremos diversas formas lúdicas (jogos, brincadeiras...), ensinando os conteúdos que são próprios do currículo escolar por meio de aulas mais divertidas e prazerosas, fazendo assim com que a criança possa participar de forma ativa e que a mediação do professor contribua para dar sentido aos conhecimentos trabalhados com as crianças na escola.

As práticas que foram desenvolvidas no exercício da docência dos anos iniciais do ensino fundamental foram essenciais para todas as acadêmicas em geral, pois ao fazer a análise dos relatórios pudemos perceber que todas utilizaram metodologias que envolveram a ludicidade (brincando, criando, pintando, imaginando...) para poderem elaborar as atividades planejadas para as crianças de seus grupos.

Atividades tais como: o enigma, a carta para o Pinóquio, a pintura nos pneus, o tapete matemático, o jogo dos sentidos, o jogo do tabuleiro, a troca da carta com outra instituição, envolveram as crianças e se caracterizaram como possibilidades lúdicas no desenvolvimento do trabalho das estudantes.

A observação, registro e o planejamento foram os eixos mais importantes dos trabalhos aqui apresentados. Sendo assim, o planejar não deve ser tomado como algo fixo, pode ser alterado conforme a necessidade e o interesse do grupo, ou seja, permite ao “educador repensar, revisando, buscando novos significados para suas próprias práticas” (OSTETTO, 2000). Compreendemos também que o papel docente é estar atento a todas as manifestações que as crianças apresentam, por isso é importante observarmos e registrarmos esse cotidiano e manifestações, para privilegiarmos “o olhar da criança, o que ela pede ou questiona” (OSTETTO, 2000), significando as ações pedagógicas do educador para seus alunos.

Portanto, vimos que é possível sim trabalhar a ludicidade nos anos iniciais, assim como mostram os autores que citamos ao longo do trabalho e como pudemos confirmar por meio dos relatórios. Com isso, ao nos depararmos com crianças maiores, sabemos que elas têm sim o direito de brincar, pois é através do brincar que ela desenvolve muitas expressões. Volpato (2002) afirma:

Sabemos que no seu brincar, a criança constrói e reconstrói simbolicamente sua realidade e recria o existente. Porém, esse brincar, criativo, simbólico e imaginário, enquanto forma infantil de conhecer o mundo e se apropriar originalmente do real, está sendo ameaçado pela interferência da indústria cultural e, conseqüentemente, pela falta de compreensão dessa necessidade no ambiente escolar (VOLPATO, 2002, p.224).

Considerando então que na escola a criança também brinca e desenvolve seus conhecimentos, as estudantes tiveram a possibilidade de colocar em prática suas concepções teóricas estudadas ao longo do curso de Pedagogia. Por mais que as crianças não tenham a mesma idade, de qualquer forma elas querem brincar, não importa se estão no segundo, terceiro ou quarto ano do ensino fundamental.

Assim, com base em algumas reflexões lidas a partir da dissertação de mestrado de Pinto (2003), nós como estudantes percebemos que a escola em si deveria ser um espaço pensado para a criança, pois a grande interessada naquele espaço é ela. Como pudemos perceber, não somente na escola onde Pinto (2003) fez a investigação de sua dissertação, como nas escolas em que nós estagiamos, esse espaço muitas vezes é bem pouco pensado

para esses sujeitos, segundo a autora “Um espaço que não respeita os direitos das crianças não nos permite identificá-lo como um espaço de infância” (2003, p.104).

Com essa análise das atividades feitas pelas estudantes mostraremos a seguir uma tabela que teve como objetivo estabelecer relações entre os campos de estágios e que nos fez perceber que mesmo sendo em escolas diferentes, as estudantes encontraram maneiras lúdicas de trabalhar com os conteúdos nas turmas que desenvolveram o exercício da docência, mesmo sendo grupos de crianças com diferentes idades.

Ideias e aprendizagens em comuns presentes nos relatórios das estudantes:

| Padre Anchieta | Costa da Lagoa | Jurema Cavallazzi |
|---|---|---|
| 1- Preocupação e Ansiedade | 1- Preocupação e Ansiedade | 1- Preocupação e Ansiedade |
| 2- Aprenderiam a ser professores com as crianças | 2- Aprenderiam a ser professores com as crianças | 2- Aprenderiam a ser professores com as crianças |
| 3- No primeiro dia do exercício da docência crianças vinham até nos para conversarmos | 3- No primeiro dia do exercício da docência crianças vinham até nos para conversarmos | 3- No primeiro dia do exercício da docência crianças vinham até nos para conversarmos |
| 4- Pauta / Enigma | 4- Pauta em sala | 4- Pauta em sala |
| 5- Trabalhando com Teatro | 5- | 5- Trabalhando com Teatro |
| 6- Leitura em sala | 6- Leitura em sala | 6- Leitura em sala |
| 7- Professora Regente Colaboradora | 7- Professora Regente Colaboradora | 7- Professora Regente Colaboradora |
| 8- Atividades Lúdicas | 8- Atividades Lúdicas | 8- Atividades Lúdicas |
| 9- Participação das crianças em geral | 9- Participação das crianças em geral | 9- Participação das crianças em geral |
| 10- Relação com carta | 10- | 10- Relação com carta |
| 11- | 11- Técnica de Yoga | 11- Técnica de Yoga |

Portanto, podemos perceber pelos relatos que se estabeleceu uma relação muito proveitosa com as crianças, com certeza contribuiu-se para o processo de ensino e

aprendizagem de cada criança que ali estava inserida naquele espaço escolar. Todas as estudantes encontraram crianças de diversas maneiras, que necessitavam e necessitam desse momento do brincar, como mostra Smolka e Laplane:

Crianças que aparentemente não prestam atenção e estas estão aprendendo, crianças que não atendem as orientações da professora, mas em outras circunstâncias demonstram dominar o conhecimento, crianças que apesar do clima disperso persistem nas tarefas, crianças a quem o clima disperso desestrutura de tal forma que não conseguem se organizar para começar a trabalhar, crianças que não fizeram a tarefa, mas pedem para ajudar os outros, crianças que “já sabem tudo” e desdenham todas as propostas de trabalho (SMOLKA e LAPLANE, 1994, p.1)

Percebemos diversas crianças nos espaços descritos e analisados. Fazemos então mais uma reflexão: para podermos chamar a atenção dessas crianças precisamos ser bons professores, aqueles que ouvem, dialogam e dão oportunidades para elas falarem e se sentirem à vontade, lembrando que sempre temos que respeitar o próximo. Azevedo e Betti mostram bem essa relação:

Há bons professores que, em sala de aula, conquistam a atenção dos educandos sem precisar a todo momento solicitar que fiquem em silêncio, sendo, assim, admirados pelas crianças. Então é preciso alertar, “legal” não está apenas associado a uma aula “lúdica” no sentido de atividade em si (jogo, brincadeira etc.), mas a uma aula que motive os alunos, que tenha significado para eles (AZEVEDO, BETTI, 2014, p.269)

Essa pesquisa que envolveu a descrição e a análise das atividades das estudantes no exercício da docência, mostrou o quanto é importante trabalhar de maneira lúdica nos anos iniciais contribuindo para aprendizagens mais envolventes e significativas nesse processo.

É importante reconhecermos que essa amostragem revela uma concepção de ensino e aprendizagem e uma compreensão de infância desenvolvida ao longo de um curso que tem como eixos: infância, pesquisa e organização dos processos educativos e que muito contribuiu para se pensar as questões educativas de modo geral e as questões da ludicidade de modo específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa objetivou expor a questão de se trabalhar com metodologias lúdicas nos anos iniciais do ensino fundamental, mostrando possibilidades que podem envolver as crianças em processos de aprendizagem, de uma maneira diferenciada e atrativa.

A partir desse pressuposto, nós, futuras professoras, consideramos importante compreender o conceito de ludicidade. Para isso recorremos a filósofos, historiadores, psicólogos, sociólogos e também nos debruçamos em documentos oficiais, que nos fizeram compreender, além do conceito, como poderíamos trabalhar com a ludicidade dentro da sala de aula dos anos iniciais.

Ao longo desse trabalho pontuamos muitas questões sobre uma metodologia lúdica, sendo que algumas dessas questões conseguimos responder ao longo da pesquisa e outras ficaram para pensarmos em nosso processo de formação continuada. A grande maioria dos autores, assim como nós estudantes, compreendemos que trabalhar de maneira lúdica requer envolver a criança num momento criativo, dinâmico e motivador, planejando e enriquecendo possibilidades e aprendizagens, trazendo para essa aprendizagem os jogos e o brincar, pois é através desses que a criança irá sentir prazer, como muitas vezes mencionamos, é no brincar que a criança aprende.

Em todo nosso processo de escrita recorremos ao nosso objetivo geral: “Compreender como a ludicidade pode ser trabalhada na metodologia utilizada nos anos iniciais”. Pudemos perceber o quanto isso é possível, tanto pelas leituras realizadas como nas práticas que analisamos. Percebemos que há muitas possibilidades a serem trabalhadas com estas crianças que ali estão inseridas no ensino fundamental, isso irá depender do profissional que estará inserido naquele momento e de suas condições de trabalho. Segundo Rolim *et al.* (2008, p. 180), “As atividades lúdicas podem ser o melhor caminho de interação entre os adultos e as crianças e entre as crianças entre si para gerar novas formas de desenvolvimento e de reconstrução de conhecimento”.

E, por fim, demonstramos todo nosso esforço e dedicação a essa pesquisa, que contribuiu muito para o nosso processo de formação, enfatizando que não foi simples essa tarefa de mostrar que é possível trabalhar com o lúdico. Esperamos que esse trabalho possa contribuir para refletirmos sobre a ludicidade nos anos iniciais do ensino fundamental. Em nossa vida tudo fica mais feliz quando temos possibilidades de aprender de uma maneira criativa e agradável.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzales. **O significado da infância**. IN: I SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Anais... Brasília: MEC, 1994. p. 88-92.
- AZEVEDO, Nair Correia Salgado; BETTI, Mauro. **Escola de tempo integral e ludicidade: os pontos de vista de alunos do 1º ano do ensino fundamental**. Brasília: RBEP. v. 95, n. 240, p. 255-275, maio/ago 2014. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/2909/2038>. Acesso em: ago. 2014.
- BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Organização de J. Beauchamp, S. D. Pagel, A. R. do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p.33-45 Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>>. Acesso em: ago. 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: ludicidade na sala de aula**. Unidade 4, Ano 1. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012. 47 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: vamos brincar de reinventar histórias**. Unidade 4, Ano 03. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012a. 47p.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BROUGÈRE, Gilles. **Lúdico e educação: novas perspectivas**. Brasília, 2002. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6491/5247> > . Acesso em: set. 2014.
- CHAPLIN, Charles. **Frase para Epígrafe**. Disponível em: <http://kdfrases.com/frase/97316>. Acesso em: 14 de outubro de 2014.
- FANTIN, Mônica. **As crianças e o repertório lúdico contemporâneo: entre as brincadeiras tradicionais e os jogos eletrônicos**. Revista Espaço Pedagógico, v.13, n. 2, Passo Fundo: 2006. p. 9-24.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 50-58.
- GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**. Campinas/SP: Pro-posições. v.22, n.2 (65), p. 75-92, maio/ago 2011.
- GIRARDELLO, Gilka E. Por que toda criança precisa brincar (muito)? In: **Observatório Social em Revista**. n. 9. São Paulo: Instituto Observatório Social. Jan. 2006. p.64-65.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens** – O jogo como elemento da cultura. São Paulo, 1980. p. 3-31.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Organização de J. Beauchamp, S. D. Pagel, A. R. do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 13-23 Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>>. Acesso em: ago. 2014.

KRAMER, Sônia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: **Revista Teias**. Faculdade de Educação UERJ, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 135-146, 2001.

KREMER, Luana; RODRIGUES, Winnie Lima. **Relatório do exercício da docência nos Anos Iniciais**: As relações entre estagiárias, crianças e o campo docente. Curso de Pedagogia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, 36p.

LAFFIN, M. Hermínia L. F. O conhecimento escolar, suas mediações e as atividades de ensinar e aprender. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. (Org.). **Crianças, jovens e adultos**: diferentes processos e mediações escolares. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008, v. 1, p. 9-20.

MACHADO, Ana Paula.; LIMA, Daiane Cristina. **Relatório do exercício da docência nos Anos Iniciais**. Curso de Pedagogia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, 37p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas/SP: Papyrus, 2000. p. 175-200.

PINTO, Maria Raquel Barreto. **A condição social do Brincar na Escola o ponto de vista da criança**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003, p. 90-127.

ROLIM, A.A.M.; GUERRA, S.S.F.; TASSIGNY, M.M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**, São Paulo, v. 23, n.2, p. 176-180, jul/dez. 2008. Disponível em: <http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar+_vygotsky.pdf>. Acesso em: set. 2014.

SMOLKA, Ana Luiza B.; LAPLANE, Adriana Lia F. de. **O trabalho em sala de aula**: Teorias para quê? Cadernos ESE, Niterói, vol. 1, n. 1, 1994.

SOUZA, Elis Cristina; DUTRA, Jerusa Cácia. **Relatório do exercício da docência nos Anos Iniciais**: As vivências de uma experiência fantástica nos Anos Iniciais. Curso de Pedagogia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, 55p.

VASCONCELLOS, Tânia. Jogos e brincadeiras no contexto escolar. In: SALTO PARA O FUTURO. TV Escola. Ministério da Educação. **Jogos e brincadeiras**: desafios e descobertas. 2. ed. 2008. 64 p. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165801Jogos.pdf>>. Acesso em: ago. 2014.

VOLPATO, Gildo. **Jogo e brinquedo: Reflexões a Partir da Teoria Crítica.** Campinas/SP, vol.23, n.81, p.217-226, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13938.pdf>. Acesso em: set. 2014.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.